

Officina de composição  
e impressão de  
MANUEL BAPTISTA TORRES  
R. DE S. MARTINHO  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR  
Manuel Baptista Torres  
Redacção e administração  
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Numero 409	<b>Assignaturas</b>	PUBLICA-SE AOS DOMINGOS	<b>Publicações</b>	8.º ANNO
	AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO		No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS	

## RESPONSABILIDADES

### O TRUNFO É ESPADAS

### NÓS, O MILITARISMO E OS DIRIGENTES REPUBLICANOS

Nós bem sabíamos quanto era perigosa, terrivelmente perigosa, a obra reaccionaria que se vinha fazendo no exercito. Por isso a combatiamos por todas as fórmulas. Por isso chamavamos para ella a toda a hora as atenções dos dirigentes republicanos em geral, e a dos jornalheiros em especial. A toda a hora. Se fossemos a transcrever todos os artigos—raro era o domingo em que não apparecia um publicado a tal respeito, faríamos a reedição do *Povo de Aveiro*. Os artigos em que directa e abertamente punhamos o dedo na chaga. Porque eram outros tantos aquelles em que indirectamente continuavamos o trabalho indispensavel, o trabalho utilissimo da democratização do exercito, já escrevendo sobre a organização da força armada de varios europeus, já sobre historia militar de Portugal e d'outros paizes, já sobre analfabetismo em particular, já sobre instrucção em geral.

Se os jornalheiros republicanos teem secundado o nosso esforço, a sério, a valer, se teem comprehendido o alcance do nosso trabalho, tinha-se feito uma propaganda de resultados admiraveis. Mas nem jornalheiros, nem *chefs*, nem partidarios. Ninguém. Os jornalheiros só viam e sentiam os beliscões a que a sua estúpida indiferença nos obrigava. E o mesmo os *chefs*. E o mesmo os partidarios, compartilhando as *dóres dos chefs* e dos jornalheiros. Futeis, os mais inteligentes. Entredidos com a mesquinha do estylo, que é tudo para elles. Para fazer estylo são capazes de tudo. Até de escrever as maiores heresias. Enlevados na arte, com uma espantosa vaidade dos seus fructos artisticos, com a singularidade, excentricidade d'artistas, só o que se prestar a effeitos d'estylo e impressionar pelo *arvojo do traço* lhes prende as atenções e tem valor para elles. Por isso mesmo ou escrevem de quando em quando verdadeiras heresias, ou cahem em contradicções manifestas. N'esse caso estão, por exemplo, os srs. João Chagas e Brito Camacho.

Taes são os inteligentes, que não passam de dois ou tres. Os outros, de que França Borges é o verdadeiro prototypo, são calhaus, são burros. Moços de fretes arvoçados em jornalistas. E é com gente d'estas que o partido republicano quer escalar o poder! Vá marcando o passo, vá marcando o passo. Vá esperando, que ainda é cedo. Mas se os republicanos não comprehendiam o nosso trabalho, se desprezavam o nosso esforço, outro tanto não succedia aos monarchicos, ou antes a Jupiter, sempre attento. Esse é que via o perigo e punha-se em guarda, prompto a

atalha-lo, e a desembaraçar-se do agitador na primeira occasião propicia. *Agua fria em pedra dura tanto dá até que fura*. Nós eramos teimosos. Muito teimosos. Com a nossa teimosia alguma coisa iamnos conseguindo e mais viriamos, com o tempo, a conseguir. E as altas regiões militares, que o não ignoravam, aparavam as garras e, entretanto, empatavam-nos as vasas quanto podiam.

No principio d'Agosto de 1906 pedia o sr. Homem Christo auctorisacão para discursar n'uma festa escolar, distribuição de premios, que se devia realizar na Figueira. O ministro da guerra, que consentia que os officiaes franquistas gritassem nos clubs de Lisboa: *á urna, á urna pelo governo*, apressou-se a negar a auctorisacão pedida.

A esse facto nos referiamos, pela seguinte fórmula, no *Povo de Aveiro* de 5 de Agosto de 1906:

«Já não tivemos tempo, domingo ultimo, para nos referirmos á arbitrariedade do sr. ministro da guerra prohibindo a conferencia que o sr. capitão Homem Christo tencionava realizar na Figueira.

Hoje está a questão tratada por todos os jornaes, e, por alguns d'elles, com largueza e com uma evidencia que dispensa as nossas palavras.

Limitamo-nos, pois, a transcrever os varios artigos que, sobre o assumpto, teem sido publicados em diferentes jornaes. Sem deixarmos de protestar, vivamente, e de fazermos nossos todos os protestos da imprensa, contra a revoltante arbitrariedade.

E se lhe chamamos revoltante arbitrariedade é porque o sr. ministro da guerra não teve outro fim, como alguns collegas já teem accentuado, senão castigar o espirito democrata, progressivo, civilizador, com que o sr. capitão Homem Christo tem procurado elevar o nivel intellectual do exercito.

Ha pouco tempo, tendo sido auctorisada, pelas direcções geraes de infantaria e cavallaria, a compra, para as bibliothecas regimentaes, do livro *Pro Patria*, um official do nosso exercito perguntava ao fallecido coronel Duval Telles, então chefe de estado maior da direcção geral dos serviços de engenharia: «Porque não mandam vocês também comprar aquelle livro para os estabelecimentos dependentes da arma de engenharia?» ao que aquelle official respondeu: «Aqui na direcção já ha um exemplar; mas eu acho o livro muito *subversivo* para ser introduzido nos regimentos.»

Garantimos, em absoluto, a veracidade do facto.

Como se sabe, Duval Telles era considerado um dos mais inteligentes officiaes do exercito portuguez. Mas, como se sabe também, era ajudante de campo do rei, era intima creatura

do Paço. E a qualidade de palaciano sobrelevava n'elle a todas as outras qualidades.

Agora diz-se também que o sr. Vasconcellos Porto é intelligente, é illustrado, como era Duval Telles. Ora se Duval Telles, com toda a sua decantada intelligencia e decantada illustração, achava *subversivo* elevar o nivel moral e intellectual do soldado, que admirar que faça o mesmo o sr. Vasconcellos Porto?

O sr. Vasconcellos Porto é da casa militar d'el-rei. Tão palaciano que não hesita em lembrar o juramento, a obediencia ás instituições, quando, em pleno campo, por conseguinte fóra d'ocasião e proposito, deita fala aos officiaes que tomam parte nos exercicios de quadros. Sabe-se que foi o rei quem impediu que o sr. Pimentel Pinto tornasse, quando ministro, obrigatorio o ensino escolar por companhias no exercito. Ora reunidos todos estes factos não pôde haver grande duvida em aceitar como provavel, como muito provavel, como quasi certo, que a sanha do sr. Vasconcellos Porto, de todos os palacianos, de todos os reaccionarios do exercito, seja grande contra um homem que tem a audacia de atear a favor da instrucção popular em geral, e da instrucção do soldado, em especial, e que o ministro da guerra, por consequencia, fosse arrastado por esse motivo na prohibição da conferencia da Figueira.

Pois quê? Pois ha um idiota n'este paiz com a mania de illustrar o povo? Pois esse idiota ateara, depois de estar farto de saber que os altos poderes constituídos repellem os seus intentos? Tem essa audacia irritante?

E' natural que haja vontade de lhe dar um pontapé.

O acto do ministro da guerra, como o *Mundo* já observou, só se pôde tomar á conta d'um pontapé.»

Diziamos que a imprensa havia protestado contra a revoltante arbitrariedade. Dos diarios republicanos só dois o fizeram: a *Lucta* e o *Mundo*. A *Lucta* muito pouco. E os artigos do *Mundo* eram escriptos pelo sr. Homem Christo, o que serviu para França Borges allegar mais tarde, na questão Affonso Costa, que fazia *favores especiaes* ao sr. Homem Christo. Os *favores especiaes* eram esses! E note-se que não eram pedidos a França Borges, que o sr. Homem Christo nunca viu. Nem a ninguem. O sr. Homem Christo apenas lembrou a terceira pessoa, com relações na redacção do *Mundo*, a conveniencia d'este jornal não deixar passar sem castigo o attentado commetido. Do *Mundo* pediram *informações*. O sr. Homem Christo deu-as, a titulo de *apontamentos*. E eram esses apontamentos, textualmente publicados, que sahiam como artigos.

Duas coisas interessantes se concluem d'aqui: 1.ª que é preciso *metter empenhos* aos jornaes republicanos para elles castigarem alguns dos attentados mais graves ao direito e á liberdade; 2.ª que desconhecem tão profundamente as questões que nem mesmo *sobre apontamentos* os sabem tratar.

Mez e meio depois, o mesmo ministro, que prohibia a conferencia do capitão Homem Christo, prohibia o ensino escolar por companhias. Veja-se se é ou não certo que as altas regiões, attentas á obra democratica do sr. Homem Christo, não dormiam!

Contra esse gravissimo attentado é que não protestou a sério jornal republicano nenhum. Só o *Mundo*. A *Lucta* publicou n'um dia umas lérias e por ahi se ficou. Só o *Mundo*. Mas os artigos do *Mundo* eram, de novo, escriptos pelo sr. Homem Christo! De fórmula não protestava o *Mundo*. Protestava o sr. Homem Christo e mais ninguem! Protestava o sr. Homem Christo, e por favor especial do *Mundo*, como se o sr. Homem Christo houvesse sido ferido nos seus interesses, ou attingido n'uma questão que se prendesse com a sua pessoa exclusivamente! E tanto que França Borges, na questão Affonso Costa, lá allegava também *esse favor!*

Pois houve em algum tempo, e em algum paiz do mundo, outro partido republicano assim? Pois um partido que encara por esta fórmula as mais graves questões, as de maior importancia nacional e até as de maior importancia partidaria, pôde, por ventura, derribar a monarchia? Repetimos: emquanto não mudar de processos, emquanto não fôr mais intelligentemente dirigido, não deixará de continuar a pisar o mesmo terreno.

Alem de não protestar a imprensa republicana, não protestou nenhum dos quatro deputados do povo que tinham assento na camara. Contra este escandalo escrevemos largamente nos n.ºs 1:175, 1:176 e 1:178 do *Povo de Aveiro*, e, com tanta razão, que Bernardino Machado, *para nos calar*—nunca os movem, nunca os moveram outros motivos—foi a Lisboa chamar para o caso a attenção dos quatro representantes do povo. Contava-o Bernardino Machado. Os quatro representantes prestaram-se então—segundo Bernardino Machado—a levantar a questão no parlamento, e d'isso ficou encarregado o sr. Antonio José d'Almeida, que em fins de novembro se desempenhou do encargo.

Tudo isto *por favor*, como se vê. Tudo isto *por honra da firma*. Portanto sem aquella força, sem aquelle resultado que só podem produzir as grandes convicções.

Outro qualquer homem desanimava. Outro qualquer mandava tudo e todos para casa do diabo. Nós, porem, persistiamos. E em cima das manifestações militares de Lisboa e Porto, aquella no dia 1 de janeiro, esta poucos dias antes, escreviamos, em artigo aqui publicado, sob a epigraphé *Militarismo*, em 6 de janeiro:

«Mas porque põem os officiaes do exercito as suas espadas ao serviço do governo, e, portanto, ao serviço da monarchia?»

Eis o ponto que os republicanos deveriam seriamente tratar e averiguar, se os republicanos, nos seus jornaes, tratassem e averiguassem a sério alguma coisa.

Fazer propaganda democratica no exercito não é applaudir assassinatos de officiaes, insubordinações contra officiaes, actos de relaxamento e de disciplina porque é um soldado, um humilde, quem pratica esses actos. Essa propaganda não aproveita a ninguem, nem a soldados nem a officiaes, nem a democracia nem á nação, nem aos interesses geraes nem aos interesses particulares, aos interesses partidarios, aos interesses dos proprios republicanos. Pelo contrario, prejudica a tudo e a todos. Mas principalmente aos republicanos, contra os quaes se levanta sempre n'essas occasiões um clamor intenso nos quartéis, sem que os elementos democraticos que existem lá dentro, em grande minoria porque o que é bom e é justo está sempre em minoria, os possam defender. «São uns discalcos, uns

insensatos, fautores de indisciplina e de desordem. E' com esses principios que nos querem governar? E' essa a disciplina da republica? Bonito exercito, com taes theorias, o exercito republicano!»

Assim dizem e clamam. Assim teem dicto e clamado. E que responder a isso?

O partido republicano tem a sua imprensa cheia de mediocridades. Essas mediocridades, sempre ávidas do ultimo figurino, quizeram applicar aqui a propaganda anti-militarista quando ella começou, ou, melhor, quando ella se generalizou em França. Mas, sem criterio, sem alcance para distinguir o util do inutil, o são do pôdre, o moral do immoral, tomaram essa propaganda anti-militarista não pelo lado democratico, que era mais difficil, mas pelo lado anarchista, que era muitissimo mais facil. Os radicaes francezes, com a sua propaganda anti-militarista, em vez de pretenderem levar a desordem, a indisciplina, a dissolução aos quartéis, como os anarchistas, pretenderam, ao contrario, e conseguiram-no, levar lá a disciplina, a força e a ordem. A desordem estava exactamente no espirito reaccionario dos officiaes. Estava na teimosia estúpida de querer applicar processos velhos a uma sociedade nova. Estava em não comprehender que a disciplina, a forma de commandar, a forma de tratar os homens, de os instruir, de os ensinar, de os attrahir, emfim, de *proceder*, ia soffrendo a evolução que soffre tudo. Para que o exercito francez fosse uma verdadeira força, para que correspondesse ás necessidades novas, era necessario substituir por outros os velhos moldes militares.

Isto é que seria a *ordem*. Enquanto não se estabelecesse n'estas bases, só existiria no exercito a *desordem*.

Foi ao acabamento d'essa desordem, foi ao estabelecimento d'essa ordem, e não a accumular elementos de perturbação, a juntar a desordem á desordem, como entre nós, que visou toda a propaganda anti-militarista dos radicaes francezes.

Os motivos que subsistiam na França são os motivos que subsistem em Portugal, independente das vantagens que uma cultura mais generalizada e mais profunda dá á França sobre nós. A corrente das idéas, a communhão dos sentimentos, a solidariedade dos principios, tem o quer que é de subtil, de imponderavel, de finalmente penetrante, que vae transpondo todos os obstaculos, atravessando todas as barreiras, até a barreira da ignorancia e a da estupidéz.

Apezar da nossa inferioridade moral e intellectual em relação á França, que provem apenas da nossa falta de educação, como a nossa falta de instrucção, não tem passado impunemente sobre nós a acção do tempo. Nós somos mais ou menos do século vinte. Sofremos a influencia d'esse seculo. Como dirigir os homens pelos processos de 1833, de 1850, ou de 1880? Ora no exercito portuguez subsistem ainda todos os processos e todas as larachas de 33. Menos um, exactamente aquelle que ainda poderia ter utilidade: o processo de fazer vingar os principios pelas armas quando não fosse possível fazo-los vingar pela razão. Mas, e eis-nos cahidos no mesmo ponto, não de ser, hoje, outros, muito outros, os *processos* que não do conduzir a esse processo.

E' o que nunca viu, é o que nunca comprehendeu, a mediocridade que escreve nos jornaes republicanos em Portugal. Essa mediocridade quiz jogar a corrupção como instrumento da democracia, sem reparar em que, por isso mesmo que a corrupção é instrumento indigno da democracia, n'esse campo seriamos fatalmente vencidos pela monarchia. Quiz corromper soldados e officiaes adulando, lisongeando, aticando as suas paixões, os seus interesses grosseiros, os seus instinctos. Insensatos!

A arma da democracia é bem diferente. E bem mais poderosa nos tempos que vão correndo! A arma da democracia é a da justiça, a da razão, a da verdade. Que, se foi sempre uma arma formidavel, é hoje uma arma invencivel por isso que o sentimento que domina as sociedades actuaes é precisamente o sentimento democratico.

O que havia a fazer ao official do exercito portuguez não era aticar contra elle os odios da caserna, ou affagá-lo a ociosidade e os interesses, na esperança antipathica d'uma vingança, ou na esperança pueril d'uma adhesão. Era obriga-lo a um rigoroso exame de consciencia, era arrastá-lo perante a opi-

TEM RAZÃO

Escrevem-nos:

«Ao seu espirito passou talvez despercebido um caso interessante. Quero referir-me ao applauso com que alguns periodicos republicanos receberam a absolvição do 1.º tenente Moreira Rato, e ao silencio que outros guardaram em volta d'esse facto, quando elle se prestava a um bello confronto com o julgamento, tão debatido pelos jornaes republicanos, dos soldados marinheiros.

Ponhamos de parte as qualidades moraes do 1.º tenente Moreira Rato. Dizem que é um bom caracter. Pois acceitemos a affirmação. O que é verdade é que o tenente Moreira Rato feriu gravemente um seu superior, coisa muito importante em face da lei militar, e que foi absolvido pelos seus camaradas, inexoraveis deante dos pobres soldados, que não feriram, e nem sequer, directamente, desrespeitaram os seus superiores.

Qual é a justiça e a moral militar? Ao mesmo tempo, qual é a justiça e a moral republicana?

Ha uma justiça e uma moral para os officiaes e outra justiça e outra moral para os soldados? Aceitamos essa escandalosa differença os jornaes republicanos?

Muito nos obsequiava se dissesse alguma coisa a tal respeito.»

Recebemos muito tarde esta carta para podermos fazer sobre ella as considerações necessarias.

Só diremos, por hoje, que o procedimento dos jornaes republicanos se explica pela tactica de estar de bem com Deus e com o Diabo.

Tem conseguido precisamente o contrario. Ainda na quarta-feira o *Portugal* escrevia que tinha sido dada palavra d'ordem aos jornaes republicanos para não escreverem nada contra os padres, contra os dogmas, contra as ceremonias ritualistas, contra os venerandos mysterios da nossa religião. Mas que era... *habil estrategia politica* e nada mais. Que não era com essa que iriam os padres.

Tal e qual. *Habil estrategia politica*. Mas tão habil que os padres comem a isca e... fazem no anzol. Com licença do nosso confrade Brito Camacho, do nosso confrade João Chagas, com licença de todos os litteratos de *luva branca*, que lêem com desprezo os *plebeismos*.

Ora, por esse lado, ahí tem o auctor da carta o caso bem explicado. E' preciso não desagradar aos padres. Como é preciso não desagradar aos officiaes. As aspirações republicanas estão reduzidas a isto: substituir D. Carlos I por D. Bernardino I.

Os monarchicos, quando estão descontentes, pedem a abdicção. Os republicanos vão mais longe, vão até á substituição. Mas d'ahi não passam.

Eis tudo, eis tudo, meu caro senhor!

Theatro Aveirense

Como noticiámos, realisa-se hoje no Theatro Aveirense, em beneficio da banda dos Bombeiros Voluntarios, um espectáculo, em que tomam parte alguns conhecidos amadores.

A banda beneficiada executará alguns lindos trechos de musica do seu vasto e variado repertorio.

Deve ser uma noite agradável.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicycle—«A OSMOND»

Cartas de Lisboa

6 DE JUNHO.

Tem andado o *Seculo* a escrever que é tamanha em Portugal a força da liberdade que até os homens publicos que fazem despotismo se veem obrigados a falar em liberdade. Mas, ao mesmo tempo, Cunha e Costa, que escreve os artigos do *Seculo*, vê-se obrigado a adular, d'uma maneira que, n'um paiz d'adulações, se tem tornado escandalosa, o conselheiro Bernardino Machado, para poder reentrar no partido republicano.

Em Portugal não ha culto nenhum de liberdade. O que ha é a impostura da liberdade. Se todo o mundo faz uso da palavra liberdade é porque a palavra liberdade se tornou uma palavra da moda, e todo o portuguez se julga indigno se não andar á moda. Importou-se a liberdade da Europa, e sobretudo da França, como se importou e importa tudo quanto usam os europeus, em geral, e tudo quanto usam, quanto adoptam e quanto apreciam os francezes, em especial. Mas assim como nunca fomos capazes de ser elegantes, assim nunca fomos capazes de ser liberaes. Não tivemos nunca a educação da elegancia. Não tivemos nunca a educação da liberdade. Porque nunca tivemos a educação da elegancia, não amámos nunca a elegancia. Porque nunca tivemos a educação da liberdade, não amámos nunca a liberdade. Porque nunca amámos a elegancia nunca nos identificámos com a elegancia. Porque nunca amámos a liberdade nunca nos identificámos com a liberdade. Por mais coisas que homens e mulheres hajam posto sobre o lombo, por mais que rigorosamente imitem o feito das botas, das calças, das saias, dos casacos ou dos penteados francezes, com pequenas excepções ficaram todos sempre gebos. No fundo não somos senão gebos. E no andar, no falar, nos gestos e no olhar a cada passo demonstramos essa gebice. *Ninguém é o que quer ser, mas o que pôde ser.* Assim em politica, por mais que se haja falado, por mais que se fale em liberdade, por mais que se queira andar á moda liberdade, sobresahe e impõe-se sempre, desmentindo as nossas palavras, os nossos actos, as nossas intenções, este fundo de inquisidor, de morgado, de toureiro, que constitue o substractum da raça portugueza.

Varias vezes o rei se tem declarado *profundamente, sinceramente* liberal. Hintze Ribeiro e José Luciano foram sempre liberaes. João Franco é liberal. Todos liberaes, e a praticarem todos o despotismo!

E liberaes pelo mesmo systema são, no fim de contas, os republicanos.

Uma impostura pegada. Toda a vida portugueza é uma continua intrujice, é uma formidavel impostura. E d'ahi vem o nosso maior mal. Queremos viver como sendo o que não somos. Que vão esforço, que loucura!

Sejamos o que somos. E se entendemos que devemos ser coisa melhor, que o podemos ser, se é bem forte em nós o desejo de o ser, trabalhemos para isso com energia, com tino, com coragem. E acabemos com esta vida artificial que nos exgota e avilta.

Fiel a este regimen de palavras, a estes processos de impostura, e na linha do seu intento, que é, como referimos, reentrar no partido republicano á força de lisonjas ao conselheiro Bernardino Machado, escrevia Cunha e Costa, ha quatro ou cinco dias, no *Seculo*, que o discurso pronunciado por aquelle conselheiro no ultimo comicio «assignalava a entrada do partido republicano na phrase verdadeiramente *scientifica* da sua evolução, consagrava solemnemente a maior conquista da democracia moderna, a *tolerancia*, pela presumpção da *boa fé* em muitos dos que a combatem.» Taes eram as palavras do *Seculo*, que, com italicos e tudo, fielmente transcrevemos. Ora

o que disse o conselheiro Bernardino Machado para que Cunha e Costa recitasse homilia tão solemne? Vejamos. Seja em italicico, como em italicico o *Seculo* o refere:

«No comieio de domingo, o honrado chefe republicano, depois de ter prestado ao merito indiscutivel dos srs. Hintze Ribeiro, José Luciano de Castro e do aguerrido grupo dissidente uma justiça que os homens de verdadeiro merito nunca recusam aos mais encarnigados adversarios, accentuou que a *monarchia*, compromettendo-os, os *esgotára*; e acrescentou: «*davemos esperar que, desilludidos, muitos homens dos partidos dynasticos venham até nós, porque, esquecidos resentimentos pessoais, os receberamos de braços abertos. Façam—concluiu o sr. dr. Bernardino Machado—o que eu já fiz.*»

E eis porque o discurso do conselheiro Bernardino Machado assignalou a entrada do partido republicano na phase verdadeiramente *scientifica* da sua evolução. Eis porque consagrou solemnemente a maior conquista da democracia moderna, a *tolerancia*, pela presumpção da *boa fé* em muitos dos que a combatem.

Não se pôde levar mais longe a baixa lisonja, o indigno servilismo! Meia duzia de banalidades, dictas e redictas por tantos, e ha tantos annos, no partido republicano, que tem passado uma boa parte da sua vida, desde que é partido, a fazer namoro aos monarchicos, assignalam, só porque as disse agora o conselheiro Bernardino Machado, de quem o redactor do *Seculo*, a exemplo do que succedeu com João Chagas, espera a reabilitação, assignalam a entrada d'esse partido na phase verdadeiramente *scientifica* da sua evolução, e consagram solemnemente a maior conquista da democracia moderna, a *tolerancia*, pela presumpção da *boa fé* em muitos dos que a combatem!

Que lisonja, que servilismo, que impostura!

Que impostura no redactor do *Seculo*, que impostura no conselheiro Bernardino Machado, que impostura em tudo e em todos!

Tolerancia? Mas qual tolerancia? Pois só agora é que o partido republicano ha de reconhecer *boa fé* nos srs. Hintze Ribeiro e no sr. José Luciano? Somos bem insuspeito ao dizer isto. Porque fomos nós o *unico* que na imprensa republicana combateu os exaggeros da ultima campanha contra o sr. José Luciano. Campanha selvagem, campanha indigna. Nem ao sr. José Luciano, nem ao sr. Hintze Ribeiro, nem a nenhum, perdoámos nós, ou perdoaremos jámais, os attentados commettidos contra o paiz e contra os principios liberaes. Mas d'ahi até uma campanha selvagem como a que se fez contra o sr. José Luciano, vaé' sua differença. Sem que por isso deixe tambem de ser ridicula a tal *boa fé* que pretende Bernardino Machado:

Pois só agora é que o partido republicano ha de reconhecer, e pela bocca do conselheiro Bernardino Machado, cuja politica era representada na imprensa republicana pelo *Mundo*, a *boa fé* do sr. José Luciano?

A sciencia, a consciencia que esta gente põe em tudo! Como elles mudam d'opiniones, ou, por outra, como teem uma opinião para cada caso, para cada momento, para cada oportunidade ou circumstancia! E ha quem se revolve contra nós por affirmarmos o espirito de quadrilha que preside a toda a politica portugueza!

Esta da *boa fé* do sr. Hintze Ribeiro e do sr. José Luciano é pyramidal. Só da cabeça omnisciente e omnipotente do conselheiro Bernardino Machado!

Hontem, porque o sr. José Luciano estava no poder, era José Luciano tudo quanto havia de mais reles, tudo quanto havia de mais infame. Hoje, porque se voltou contra João Franco, proclama-se a sua *boa fé* e abrem-se-lhe os braços em nome da tolerancia e da... *cordealidade*.

não publica, para que a opinião publica e elle proprio reconhecessem que os seus systemas, os seus processos, a sua missão, não correspondiam de forma nenhuma ás necessidades da sua patria e do seu tempo, e que ou elle alterava tudo isso ou a opinião publica tinha o plenissimo direito e o dever de o considerar um ente odioso, um ente perigoso, e, como tal, nas condições de ser posto de parte ou supprimido. Era pô-lo em conflicto com a sua propria razão e com a sua propria consciencia, em lugar de deixar essa razão embotada e essa consciencia adormecida. Era submeter um grave problema, em vez de o deixar ignorado ou esquecido, á razão e á consciencia de todos. Era, emfim, em vez de pôr em cheque essa pequena minoria pensante, essa pequena minoria democratica dos quartéis, como succede quando as gazetas republicanas applaudem calorosamente assassinatos de officiaes e outros attentados similhantes, dar-lhe auctoridade, dar-lhe força para que ella podesse clamar *tem razão* e para que os outros, os indifferentes, e até os cumplices conscientes do regimen, fossem dizendo a si proprios, baixinho: *na verdade, tem razão.*

Esta é que seria, esta é que deveria ser a grande propaganda democratica das gazetas, dos tribunos, de todos os publicistas republicanos.

Porque põem os officiaes do exercito as suas espadas ao serviço do governo, e, portanto, ao serviço da monarchia? Porque?

Porque a monarchia os habilitou a cumprir a sagrada missão de defender a terra portugueza, ou porque os habilitou a comer sem incommodos, sem canceiras, sem trabalho, o vencimento que só é licito ganhar-se produzindo, trabalhando? A nação, todo o mundo, tem o direito de fazer esta pergunta e de, conscienciosamente, lhe procurar uma resposta. Todo o mundo!

Fontes publicou em 1884 uma reforma do exercito desastrosa, que só teve um fim, um unico fim, um fim exclusivo: alargar os quadros, portanto, dar promoções aos officiaes do exercito. Não somos nós que o dizemos. Percorram os jornaes da epocha, percorram a colleção dos discursos parlamentares e verão que foram elles, os militares, que o disseram. Pois ainda não era passado um anno quando se tornaram tão violentos os protestos contra a maneira porque se organisou a Guarda Fiscal, em 1885, que se chegou a reeocar um pronunciamento. Depois de varias reuniões secretas de officiaes, de varias conspratas, os coroneis, pelo menos os da guarnição de Lisboa, receberam *confidenciaes* a interroga-los sobre a impressão produzida por aquella reforma, emfim, sobre o estado de animo da tropa. As respostas foram de tal ordem que o ministerio progressista, que succedeu ao ministerio Fontista, se apressou a reorganizar a Guarda Fiscal dando plena satisfação á exigencia dos officiaes.

Pela primeira reforma, a Guarda Fiscal ficava ás ordens dos officiaes de *galão branco*. Pela segunda reforma, entravam na Guarda os officiaes do exercito. Por conseguinte, alargamento de quadros e commissões rendosas.

Tambem sobre isto podem ser consultados com proveito os jornaes da epocha.

Como se fôra pouco, nova agitação se seguiu, nova propaganda, nova campanha—leiam, leiam os jornaes do tempo—a favor do augmento de soldos. E o augmento de soldos foi decretado em 1887.

Em 1896 foi publicada a lei dos limites de idade, depois d'outra campanha tão imperiosa e tão violenta como as anteriores. Ainda n'esse ponto é muito instructiva a leitura dos jornaes da epocha.

Procurou-se resistir. Mas foi baldada toda a resistencia. A monarchia vinha e vem fazendo o papel d'aquelle que vae entretendo, para prolongar a vida, com boccados de pão ou de carne, a fera que o ha de comer.

Note-se que essa lei dos limites de idade, que, para dar promoções, augmentava a despeza publica extraordinariamente, vinha depois de Pimentel Pinto haver reformado violentamente, e a seguir, numerosos officiaes.

Não era tudo.

Como a arma d'estado maior se houvesse adeantado nas promoções por uma forma escandalosa, todas as outras armas pediram compensações. Era difficil dá-las na effectividade do serviço. Déram-n'as em relação á reforma. Em 1901 publicou-se a lei das equiparações, em virtude da qual maiores se reformaram em coroneis e generaes de brigada, capitães em tenentes coroneis, coroneis em generaes de divisão, e assim por deante. Uma coisa nunca vista. No mesmo anno de 1901 publicou-se a reforma do exercito que actualmente vigora. Foram augmentados os quadros. Crearam-se novas unidades. Cresceu o numero das divisões, o numero das brigadas, o numero dos batalhões, o numero das companhias e das baterias. E' certo que não se crearam ainda os postos correspondentes aos novos quadros. Mas tambem é certo que a reforma persiste e que *ninguém se atreve, já, a recuar*. E' o novo boccado que a monarchia reserva para deitar ámanhã á fera que, sempre de fauces abertas, a persegue.

Finalmente, o augmento de soldo, a criação dos 2.º capitães de artilheria, o subsidio para rendas de casas vem coroar este quadro.

Porque põe agora, n'esses quartéis d'onde saíam, em maio findo, as mais

terreveis imprecações, porque põem agora os officiaes do exercito as suas espadas ao serviço do governo, e, portanto, ao serviço da monarchia?

Nos quartéis ha muita ignorancia, muita inconsciencia. Fazem-se muitas coisas irreflectidas, e a irreflexão é muitas vezes de tristes consequencias. Mas os officiaes do exercito, por amor da verdade o dizemos, são geralmente honestos. Pensem então, e pensem bem.

Os officiaes do exercito tiveram energia e impozeram-se a valer sempre que quizeram. Simplesmente, nunca se impozeram para que no exercito houvesse aquillo de que o exercito carece para cumprir a sua missão. Nunca se impozeram a favor da melhoria das condições materiaes, moraes e intellectuaes do sargento e do soldado. Impozeram-se, unicamente, a favor da melhoria das suas condições materiaes. Porque até as suas condições intellectuaes e moraes desprezaram tambem.

Isto é grave. Muito grave. Quem procede assim deve ter o maximo cuidado em conservar as espadas bem mettidas na bainha. Porque brilhando á luz do sol, o primeiro effeito será fazer acordar estrondosamente a consciencia publica.

Assim diziamos pela centessima vez. Cançámo-nos a fazer vér aos dirigentes republicanos o perigo do exercito, nas deploraveis condições em que se encontra. Cançámo-nos a mostrar-lhes qual era o caminho a seguir para evitar primeiro e annullar depois esse perigo. A recompensa que nos dêram todos a sabem.

Eramos vendido ao governo. Eramos agente da monarchia. Na melhor hypothese eramos um *desorientado*. Elles é que eram os *puros* e... os atilados!

Corja!

Imbecis!

Mas no proximo numero diremos o resto. Concluiremos n'esse dia.

ESTAMOS QUASI

Alguns dos nossos assignantes estão impacientes por varias questões doutrinaes que aqui tratavamos.

Lá iremos. O que está prometido está prometido. Acabamos no proximo numero, definitivamente, o nosso balanço de responsabilidades, e n'esse mesmo numero, ou no immediato, voltaremos, como anteriormente, a tratar questões doutrinaes e questões politicas juntamente. E d'essa forma satisfaremos o desejo dos que querem que o *Povo de Aveiro* trate questões politicas e dos que querem que o *Povo de Aveiro* trate questões de doutrina. Satisfazer o desejo só d'uns ou d'outros é impossivel. Que tratar questões politicas é tratar, verdadeiramente, questões de principios. E tratar questões de principios é, no fundo, tratar questões politicas.

Vejamos as coisas nitidamente, que cada vez mais se precisa d'isso n'esta terra.

Mas, repetimos, lá iremos, em muito poucos dias, a todos os assumptos que ficaram interrompidos. Já tinhamos prometido começar hoje a tratar d'elles. Mas adiar por oito ou quinze dias não é faltar ao compromisso.

Começaremos no proximo numero e continuaremos com maior largueza no numero immediato.

POVO DE AVEIRO

Vende-se em Lisboa na tabacaria Monaco, ao Rocio, e na Tabacaria Americana, ao Chiado, na rua Nova do Almada 46, junto á drogaria Falcão, na Havaneza de Alcantara, mercado d'Alcantara n.º 6. No Porto, na rua Sá da Bandeira, 41. Em Coimbra na Tabacaria Central, rua Ferrelra Borges, 27, e em Aveiro no kiosque de Antonio de Souza, Largo de Luz Cypriano.



# MACHINAS "PFAFF,"

- E -

## BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, annexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

### Aveiro, Largo do Espirito santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.  
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

#### JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

#### JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

### ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

- DE -

## Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chambo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

#### Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

### JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

**V**ENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.  
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura "PFAFF", White e outros auctores.

Bicycletas "BRISTOL", "TRIUMPH", "OSMOND", "GUITYNER" e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

#### Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA - SANGALHOS

TYPOGRAPHIA  
- DO -  
POVO DE AVEIRO  
Acha de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de plumbeta, proprios para obras de luxo. Encargamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

#### Artigos photographicos,

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

### HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despezas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolveu tambem estabelecer um servico de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o servico seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisam de alojamentos ou quaesquer outros servicos que ali lhes possam ser fornecidos.

#### Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

José Maria Soares  
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto  
**CLINICA GERAL**  
Consultas todos os dias das 10 h. em diante  
Chamadas a qualquer hora  
R. dos Mercadores - AVEIRO

#### IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correligionario José de Souza Larcher.

# METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150  
Album, ou livro contendo as lições da Cartilha Maternal em ponto grande 50000  
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 60000  
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150  
Guia práctico e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

Arte de Escripção—cada caderno, . . . . . 30  
Livros de polémica sobre o Methodo  
A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500  
A Cartilha Maternal e a Critica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700  
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga . . . . . 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/0.  
Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/0.  
Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/0.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

### FÁBRICA DOS SANTOS MÁRTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA  
AVEIRO

### ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS - DE -

### ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estaniadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO